



TROPO

natália nuñez \\ nov 23' sp

prólogo

é novembro de dois mil e vinte e três. desde que o ano começou não tem nada que eu não esteja fazendo com o intuito de *ficar confortável com a intensidade da escrita*. essa é uma publicação feita entre alertas de ventanias de mais de cem quilômetros - que chegam depois de dias de calor incomum - e o movimento da porta prestes a bater. em meio a isso o milissegundo em que decido não fechar todas as entradas da casa para o vento. resguardo somente a primeira coisa que pensei quando a primeira janela bateu. não seguro nada que não seja uma carta de despedida.

|> *bom é saber que a solidão é o início de tudo*

dente de leão

e mesmo que não seja do seu feitio
esperar é a única via possível para me acompanhar.

começo a me despedir segurando as coisas necessárias como se pudesse manter o dente-de-leão intacto à passagem do vento. não vou botar o pé para fora de casa. não serei a filha responsável pela alegria da mãe. ou o herói das suas demandas. não serei a funcionária do mês só para dissimular as distrações do meu verso. não vou encarnar a discrição por não me vestir como mulher na sua vizinhança. não vou ser eu de novo a perguntar de você.

nada em mim origina o gesto que desobriga o vento
conter é apenas redução de danos se já não for a própria danação

na presença do dente-de-leão a gente descobre que a despedida é sopro
soprar é o êxtase do principiante.

coração cabra montês

não é sobre ser sisuda, é o mundo que me deixa triste mesmo.

de noite eu rezo:

(já que pedir uma vida sem doer é covardia)

deus, faça com que os piores dias sejam sãos e salvos por um doce meio amargo.

vem comigo deus, façamos um mundo de contentamentos fáceis

volto com seu doce amargo e um poema

(ele é sobre como eu poderia afiar minha língua entre os seus dentes incisivos enquanto você ri)

não temos dinheiro para o mercado, coloco na mesa o doce amargo e seu poema

– vá, calce o seu tênis. a gente passa o coentro e o resto é o que couber naquela mochila.

nesse seu mundo de chocolate repara o que fazem aos cacaueiros

esterno em água

quero um gênero desautorizado por esse território
apagar a perfeição no fim do túnel

no que tange as artes manuais de si,
desprender-se para desfazer todos os pontos
repetir cada gesto até que seja sutil, não doméstico
todo gênero de gesto desautorizado nesse território

não ser mulher em cima
de outra que não está sendo mulher embaixo
tô apagando a perfeição no fim do túnel.

pata de urso

tem gente que olha minha solidão e sufoca

tem gente que ri comigo a noite inteira olhando para ela

this is literally the way
the wind blew me this time

natalianunez.me **ou**
@taediu nas redes sociais